

**Curso livre em Agroecologia na primeira horta do Campus Fiocruz
Manguinhos: relato de experiência**

*Free course in Agroecology in the first vegetable garden of the Fiocruz
Manguinhos campus: experience report*

ALVES, Thiago da Cruz¹; SACRAMENTO, Ana Beatriz²

¹ Fundação Oswaldo Cruz, thiago.alves@fiocruz.br; ² Fundação Oswaldo Cruz,
ana.sacramento@fiocruz.br

Resumo

O Terrapia Agroecologia e Alimentação Viva na Promoção da Saúde é um projeto alocado na ENSP/Fiocruz/RJ em permanente construção, mantido e orientado pela participação solidária dos voluntários. Iniciado em 1997, é o primeiro projeto institucional de promoção da saúde dentro do campus envolvendo a construção e a manutenção de uma horta pautada pelos princípios agroecológicos para usuários do SUS. Ao longo dos anos, o projeto constituiu-se em um espaço de referência em Alimentação Viva e, a partir de 2015, passou a introduzir com mais ênfase os princípios da Educação em Agroecologia em suas atividades de alimentação. Neste período teve início o Curso de Agroecologia, que possui como base principal o manejo de agroecossistema pela perspectiva agroecológica. A partir desta prática, realizada na horta do projeto, busca-se socializar e relacionar as dimensões sócio-políticas da Agroecologia com a realidade dos participantes, majoritariamente pessoas envolvidas com redes que atuam de forma territorializada com Agroecologia na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Agricultura urbana; Educação; Manejo de agroecossistema.

Abstract

The Terrapia Agroecology and Living Food in Health Promotion is a project allocated at ENSP/Fiocruz/RJ under permanent construction, maintained and guided by the solidary participation of volunteers. Started in 1997, it is the first report of a project within the campus involving the construction and maintenance of a vegetable garden guided by agroecological principles. Over the years, the project has become a benchmark for Living Food and, as of 2015, it began to introduce more emphasis on the principles of Education in Agroecology in its food activities. During this period, the Agroecology Course began, which has as its main base the management of agroecosystems from an agroecological perspective. From this practice, carried out in the project's garden, the aim is to socialize and relate the socio-political dimensions of Agroecology with the reality of the participants, mostly people involved with networks that work in a territorialized way with Agroecology in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Urban agriculture; education; Agroecosystem management.

Introdução

O Terrapia Alimentação Viva na Promoção da Saúde e Ambiente foi fundado em 1997 pela médica Maria Luiza Branco, no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria CSEGSF/ENSP/Fiocruz/RJ. Seu surgimento coincide com o desenvolvimento do conceito de Promoção da Saúde dentro do movimento da saúde pública no Brasil (SANTIS, 2021). O projeto nasce incorporando este olhar ampliado para o fenômeno da saúde ao propor a construção e manutenção de uma horta como espaço de convivência e de reflexão sobre a alimentação para usuários da atenção básica do SUS dentro do campus Fiocruz Manguinhos, geralmente moradores do entorno. Com o tempo o projeto foi aproximando moradores de outros bairros da cidade interessados nesta forma de alimentação e em aprender a cultivar seu próprio alimento. Assim, o projeto se identificou no decorrer de sua trajetória como um experimento em Promoção da Saúde, visto que dentre seus objetivos estão difundir práticas de alimentação saudável, agroecologia urbana e formação de redes solidárias na promoção e divulgação da alimentação viva, estimulando a população a criar e aproveitar recursos próprios na busca pela melhoria da qualidade de vida, saúde e ambiente (LIVRO VIVO, 2017).

As diretrizes e orientações para a formação e manejo da horta foram dialogadas junto a um grupo de agricultores orgânicos de Teresópolis/RJ que mais tarde fundariam a Associação Agroecológica de Teresópolis (AAT). A AAT ainda atua como um parceiro importante do projeto, seja por consultorias de agricultores quando necessário, aulas e oficinas a serem dadas no projeto e vivência de alunos em sítios de agricultores da associação. Inclusive, o curso de Agroecologia do projeto até hoje é dado por um professor que foi agricultor ligado à associação. Desta forma, o Terrapia se apresenta como a primeira iniciativa de Agroecologia na instituição (SOARES; BURIGO; SOUZA, 2022).

Em 2018, o VIII Congresso interno da Fiocruz reconhece a importância da Agroecologia para os estudos e ações de promoção da Saúde na política institucional (SOARES; BURIGO; SOUZA, 2022). Este movimento caminha em paralelo com a maior visibilidade que o Projeto Terrapia adquire dentro da instituição e o Curso de Agroecologia, sendo oferecido desde 2015, sem dúvidas também contribuiu para isso ao atrair um crescente público interno interessado em aprender sobre o manejo de agroecossistemas e em se aproximar das pautas ligadas à Agroecologia.

Descrição e reflexão sobre a experiência

O Curso de Agroecologia do projeto Terrapia teve início em outubro de 2015. Voltado inicialmente de forma majoritária para o manejo da horta do espaço, a iniciativa se estruturou por meio de oficinas avulsas quinzenais divulgadas nas redes sociais do projeto e de imediato atraiu um grande público, com encontros realizados com até 80 pessoas.

Nesta época o Projeto Terrapia não estava mais vinculado à ENSP, voltando a se incorporar em 2022. Atualmente, mesmo o projeto estando alocado na ENSP, o curso de Agroecologia, bem como o curso de Alimentação Viva, não estão institucionalizados na unidade, se configurando como cursos livres. Porém, está sendo discutido a inserção do curso, ainda de que forma incipiente entre os envolvidos na organização, dentro do formato de curso de qualificação profissional da unidade.

De 2015 a 2019, portanto, o curso se manteve sem a necessidade de inscrição, sendo feita a divulgação nas redes sociais do projeto e atraindo um grande público. Esta possibilidade de formato permitiu a interação e a troca de saberes entre um grande número de pessoas envolvidas com Agroecologia de diversas formas, seja no manejo de uma horta comunitária na região de moradia seja trabalhando de forma mais conceitual e acadêmica com o tema. Segundo o livro de registro do projeto, até hoje, somente pelo curso de Agroecologia, passaram 2.782 pessoas.

Em 2020 e no primeiro semestre de 2021 o curso não aconteceu por conta da Pandemia de Covid 19. No segundo semestre de 2021, retomamos com alguns cuidados sanitários que alteraram de forma significativa a dinâmica do curso. A principal mudança foi introduzir a inscrição prévia para participação, por conta do limite de alunos que a situação de saúde pública exigia. Desta forma, as turmas passaram a ser menores, o que melhorou a qualidade das aulas no sentido de todos conseguirem manusear as ferramentas utilizadas no manejo da horta e maior aprofundamento de cada participante sobre o que pensa e como relaciona as dimensões da Agroecologia em seus territórios.

Para fazer esta seleção foi necessário fazer um recorte no perfil de aluno desejado para a participação. Assim, a equipe gestora do projeto definiu como critérios principais da seleção, além de um número de vagas reservadas para trabalhadores da FIOCRUZ, trabalhar no Sistema Único de Saúde (SUS) e/ou ser membro da sociedade civil organizada que atuam de forma territorializada com os princípios da Agroecologia.

Outro elemento que influenciou de forma impactante o formato do Curso foi a aproximação do Terrapia com a Rede Carioca de Agricultura Urbana do Rio de Janeiro. A

RedeCAU é um movimento social de agricultores urbanos que buscam políticas públicas para promover e garantir a sua produção de alimentos agroecológicos, com relação principalmente à diversidade de cultivos, entendendo o solo como um solo vivo. Cerca de trinta grupos fazem parte da RedeCAU, dentre associações de agricultores, fundações, Ongs e institutos. Suas bandeiras de luta fomentam debates sobre o direito à cidade, a questão da segurança alimentar, das hortas comunitárias, do racismo ambiental, entre outros. A Agricultura urbana traz essa possibilidade de abordar diversas demandas sociais, de maneira integrada na cidade.

Assim, o curso foi amadurecendo de forma a se capilarizar para além dos limites da horta do projeto e iniciou com inserções em territórios agroecológicos da cidade do Rio de Janeiro e da Região Serrana do Estado. Um exemplo são os mutirões realizados, tanto de forma informal, planejados entre os alunos do curso, quanto de maneira mais formal, dentro da programação do curso, a exemplo do mutirão realizado junto à turma 2022.2 junto ao coletivo “Plantar Paquetá” e o tira caqui, com a turma 2023.1, este realizado em parceria com a RedeCAU. Além disso, desde a turma 2021.2 é realizada uma visita à Fazendinha Agroecológica, estação experimental em Agroecologia da Embrapa/UFRRJ/Pesagro e uma vivência de final de curso na região serrana com mutirões realizados em sítios de agricultores ligados à AAT.

Por este formato, e privilegiando o encontro e a troca que advém dele, e a partir da prática, do manejo da horta do Projeto, conforme ilustra a figura 1, o curso se propõe a debater junto aos participantes os principais elementos agroecológicos e criar aproximações entre os territórios agroecológicos da cidade do Rio de Janeiro. Partindo de uma abordagem transdisciplinar, os aspectos técnicos, sociais e culturais da Agroecologia são trabalhados de modo a favorecer ao participante uma visão complexa e integrada do que significa produzir alimento. Assim, espera-se que o participante adquira habilidades práticas de manejo de agroecossistemas, de acordo com a perspectiva agroecológica, e que cultive em si a sensibilidade para dialogar com outros sujeitos da comunidade em que está inserido na construção de territórios agroecológicos tendo como finalidade a promoção da saúde.

São em torno de dez encontros, estruturados dentro dos seguintes temas principais: Manejo ecológico de solo; princípios gerais de agricultura agroflorestal; formas de adubação orgânica; técnicas de plantio consorciado sob a perspectiva da sucessão natural; métodos sustentáveis de irrigação; plantas alimentícias não convencionais e plantas medicinais.

O curso sempre manteve uma grande procura. Durante a edição atual do curso, foi realizada a seleção de 43 participantes, entre eles, trabalhadores da Fiocruz e membros da sociedade civil organizada que atuam de forma territorializada com os princípios da Agroecologia. Um dos motivos que levam a esta grande procura, além da crescente exposição que a Agroecologia vem tendo nos últimos anos, é a pouca oferta de cursos gratuitos desta natureza na região. No semestre atual participam em torno de vinte organizações, dentre elas: Projeto Agroecológico do Campinho, Econceição, Projeto Campo - Cidade CACI, APRAFEN, Educação sócio Ambiental/ Marias em Ação, OSC Mulheres da Parada Centro de Atividades Comunitárias São João de Meriti, Pastoral da Ecologia Integral, Quilombo Dona Bilina, Rede Carioca de Agricultura Urbana, Fundação Angélica Goulart, Instituto Panambi, Quilombo do Camorim, Coletivo Plantar Paquetá, Espaço Casulo de mulheres da Maré, Abayomi Juristas Negras, Rede de Mães e Familiares Vítimas de Violência da Baixada Fluminense e Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur.

Figura 1. Preparação de canteiros para plantio de acordo com os princípios agroecológicos durante o curso 2023.1



Fonte: Ana Beatriz Sacramento, comunicadora do Projeto Terrapia

Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

Em diálogo com o princípio da vida, o curso parte da aplicação da ecologia no manejo do agroecossistema como um disparador para reflexões envolvendo o cuidado e afetividade com os demais seres vivos que interagem conosco, dentro das dimensões da sustentabilidade, estimulando a criação de processos comunitários que promovam saúde a partir de iniciativas agroecológicas, superando a dicotomia entre teoria e prática.

Embora possua um público majoritariamente urbano da cidade do Rio de Janeiro, é notável e respeitada a diversidade da realidade dos territórios presentes. O curso propicia a troca de saberes entre os participantes, que muitas vezes vivem em contextos bem diversos da cidade, e direciona as discussões e ações de agroecologia de acordo com a necessidade de cada território, em uma construção contextualizada do conhecimento em que o mesmo se ressignifica em novas práticas (COTRIM; DAL SOGLIO, 2016).

Durante os oito anos de realização, a construção do conhecimento agroecológico, como se dá na horta do Terrapia, favorece de certa maneira a autoestima de pessoas que vivem em situação de exclusão social, uma vez que é um espaço que dá voz para estas pessoas se colocarem sobre sua situação social e como a Agroecologia pode ser estratégica no enfrentamento e superação desta situação. Em roda de conversa recente conduzida por uma participante integrante do Movimento da Luta Antimanicomial, (vide figura 2), buscando dialogar sobre conexões entre saúde mental e agroecologia, uma aluna atuante na Rede de Mães e Familiares Vítimas de Violência da Baixada Fluminense, moradora do Morro do Sossego em Duque de Caxias/RJ, relatou sua experiência pessoal e de familiares com a proximidade com instabilidades psíquicas que trouxeram bastante sofrimento à família e como a organização em torno da transformação de um terreno baldio em uma horta contribuiu para a enfrentar estas dificuldades.

As mulheres do Morro do Sossego já transformaram cinco espaços em quintais produtivos na comunidade de Duque de Caxias. A iniciativa partiu de um edital do Fundo do Brasil, no qual algumas mulheres do Assentamento Terra Prometida ofereceram oficinas sobre hortas em pequenos espaços e quintas produtivos aos moradores. Hoje, as mulheres do Morro do Sossego estão em processo de autonomia e revitalização de seu próprio espaço. “Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham” (SOME, 2003).

Figura 2. Roda de conversa sobre Agroecologia e Saúde Mental. Curso 2023.1



Fonte: Ana Beatriz Sacramento, comunicadora do Projeto Terrapia

Considerações finais

O Curso de Agroecologia do Projeto Terrapia se configura como um espaço de formação de redes entre participantes de organizações atuantes com Agroecologia na cidade do Rio de Janeiro. Os dez encontros manejando a horta do espaço propicia a formação de laços, troca de conhecimento e de mudas e sementes em torno do cultivo de alimentos (vide figura 3).

Ainda mais potente torna-se esse laço quando as pessoas se descobrem morando próximas. Sendo a construção de sistemas agroalimentares territoriais um dos objetivos da agroecologia, a articulação entre essas pessoas potencializa a formação de redes que passam a incidir de forma mais atuante sobre o território, seja organizando mutirões, ocupando espaços ociosos e o transformando em horta, ou atuando na gestão do lixo orgânico local.

O contato com as mudas e a observação das plantas se desenvolvendo favorece uma conexão com o alimento e muitas vezes uma surpresa sobre como é de fato aquela planta que muitas vezes a pessoa sempre comeu, mas nunca a viu para além das gôndolas do supermercado.

Figura 3. Muda de pepino trocada no curso de Agroecologia se desenvolvendo no Espaço Agroecológico do Coletivo de Mulheres do Morro do Sossego, em Duque de Caxias, RJ.



Fonte: Marilza Barbosa, participante do Curso de Agroecologia 2023.1 e integrante da Rede de Mães e Familiares Vítimas de Violência da Baixada Fluminense.

Referências

COTRIM, D. S.; DAL SOGLIO, F. K. Construção do conhecimento agroecológico: problematizando o processo. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 11, 257-271, 2016

SANTIS, Camila. A construção da alimentação viva no campo da saúde pública: a experiência do Projeto Terrapia. 2021

SOARES, Lorena Portela; BURIGO, André Campo; SOUZA, Natália Almeida. **Tecendo Redes de Experiências em Saúde e Agroecologia: resultados e reflexões a partir da sistematização de iniciativas construídas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022.

SOME, Sobonfu. **O Espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Ed. Odisseus, 2003.

TERRAPIA. **Livro Vivo**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.terrapia.com.br/capitulo-1>. Acesso em: 30 mai. 2023.